Assimilar ou resistir?

A crise diante de um fato perturbador



O MOMENTO ATUAL E A CRISE DOS PARADIGMAS

Desde a década dos anos 60 encontramos a palavra *crise* associada às diferentes análises do cotidiano. Os analistas dos vários setores demonstram que a crise política que atravessamos nada mais é que conseqüência da renúncia de Jânio (1961), e todos os nossos problemas econômicos tiveram início no governo inflacionário de Juscelino (56-61). E o que dizer da crise que atinge as Igrejas? Para a Igreja católica tudo começou com o Vaticano II: uns dizem que foi esquecido, já outros dizem que foi deturpado, e a minoria recalcitrante continua afirmando que nem deveria ter acontecido! Isso sem falar nas crônicas crises internacionais com o Oriente Médio. A crise acompanha nosso dia-a-dia.

Olhando assim rapidamente percebemos que estas são crises manifestadas em grandes acontecimentos históricos com repercussões imediatas nos MCS. O que tem o povo a ver com isso? Muita coisa! Estes acontecimentos estão associados à crise justamente porque repercutem no cotidiano das pessoas, manifestando-se nos relacionamentos familiares, nas questões pessoais de trabalho, buscas, aspirações, personalidade. Atingem a identidade das pessoas e o papel social que cada um desempenha. Os acontecimentos da história atropelam o cotidiano das pessoas, alterando e modificando a vida de qualquer um.

Num debate com CEBs um analista pastoral mostrava como a proposta de pequenas comunidades, descentralizadas e autônomas, parecia o melhor caminho frente aos desafios colocados pela sociedade de massas gerada pelo sistema capitalista entre os anos 60 e 80. Neste mesmo debate, no entanto, os membros das comunidades não conseguiam esconder que as CEBs viviam momentos de crise. Todos eram unânimes em mostrar o marasmo pastoral a partir de fatos como a derrota do candidato popular em 89, a crise do bloco socialista, o massacre da Praça da Paz Celestial em Pequim! Acontecimentos tão distantes do cotidiano mas que atingiram a todos em suas esperanças. E isso vale tanto para teólogos da libertação quanto para membros de CEBs.

Tais fatos apenas comprovam que os acontecimentos históricos e políticos modificam o cotidiano das pessoas gerando crises inesperadas. Estes acontecimentos podem ser pessoais, como um determinado engajamento político, até grandes acontecimentos de repercussão internacional. O cotidiano da pessoa mais simples é continuamente atropelado pela marcha da história. Determinado acontecimento gera esperança ou angústia, triunfo ou tragédia, alegrias ou tristezas. O Leste Europeu acabou! E quais foram as conseqüências deste fato para uma família cubana? E para uma mulher muçulmana na Bósnia? Quando o FMI define políticas econômicas, quais as conseqüências destas medidas para uma família na Baixada Fluminense, com o aumento da pobreza, da marginalização e da criminalidade?

Lendo ou ouvindo os analistas dos mais variados campos da ciência, fica-se com a impressão de que não há saída imediata para a crise que estamos atravessando. Todos são muito claros em apontar as causas da atual situação. Poucos se aventuram em apontar saídas ou rumos! Análises muito seguras em pouco tempo estão ultrapassadas. Grupos que tentaram propostas ou saídas novas e emergenciais logo mergulharam em crises maiores. Respostas que pareciam definitivas mostraram-se efêmeras. O que para muitos parecia rumo certo ou caminho seguro, dentro de pouco tempo estava exigindo revisão de posições, de definições, de propostas. Nada hoje em dia parece seguro, durável, permanente. As pessoas são desafiadas a navegar sem mapas! A crise que vivemos é global, atingindo todos os setores da vida humana. Quando uma sociedade atravessa uma situação assim, alguns cientistas definem este tipo de crise como *crise dos paradigmas*.

Por paradigmas queremos definir a cosmovisão de determinada sociedade, os valores, os princípios, as referências que fornecem a esta sociedade os rumos, as aspirações, as buscas, as crenças, os procedimentos, os pensamentos. Enfim, tudo aquilo que dá identidade a determinado grupamento humano. Quando a crise atinge o cerne da sociedade – os paradigmas – a sociedade encontra-se diante de um grande desafio: superar a crise encontrando novos valores de referência e reconstruir a vida ou perder sua identidade e perecer.

A DIFICULDADE EM LER UM FATO PERTURBADOR

Vimos que os acontecimentos atropelam o cotidiano das pessoas. Estes acontecimentos geram posicionamentos distintos nas pessoas. Elas podem estar abertas ou fechadas aos acontecimentos. Assim, dentro de um mesmo grupo encontramos leituras ambíguas, contraditórias, diferentes de um mesmo fato, de um mesmo momento.

Essa leitura pode ser aberta quando as pessoas acolhem o acontecimento, fazendo como que um pacto com o fato perturbador, assimilando-o e assumindo integralmente o acontecido. Assimilando o fato, encontram um rumo novo para suas vidas.

Por outro lado, a leitura é fechada quando as pessoas resistem ao fato perturbador. Mas por que resistir? Resistir se faz necessário quando este acontecimento atinge em cheio a identidade do grupo, destruindo seus paradigmas, seus pontos de referência, seus valores básicos. A resistência é fundamental, sob o risco de o grupo desestruturar-se totalmente no meio da crise dos paradigmas trazida pelo fato perturbador.

Concluindo, um mesmo fato gera crise num grupo, mas a maneira de as pessoas responderem à crise não é igual. Diante de respostas diferentes, a crise leva o grupo a um momento único chamado de vácuo histórico. Neste vácuo histórico o grupo mergulha num estado caótico, estático, desagregador. Este momento de vácuo histórico torna-se ainda mais crítico quando o fato perturbador destrói também as referências materiais do grupo: a organização social e a estrutura das forças produtivas.

Com a destruição destas referências, psicológicas e materiais, mergulhado no vácuo histórico, o grupo luta com uma constatação. Seus antigos valores foram superados e devem ser, ainda que dolorosamente, enterrados. E no entanto, os novos valores, necessários para manter a identidade do grupo, ainda não surgiram. Podem estar em processo de gestação ou mesmo já em parto. Mas ainda não nasceram.

Num quadro como o descrito acima, que condições tem o grupo de fazer uma leitura de sua história? Para clarear um pouco podemos tomar, como exemplo de grupo vivendo o vácuo histórico, qualquer tribo indígena diante do fato perturbador da chegada dos brancos. Assumir positivamente o acontecimento, assimilando-o? Ou resistir preservando a identidade? Abrir-se ou fechar-se diante do fato?

Pois foi mais ou menos isto o que ocorreu com o povo de Deus no meio da crise surgida com a destruição de Jerusalém e com o exílio. Este quadro foi vivido num período relativamente curto da história do povo. Vai da morte de Josias (609 aC) até o assassinato de Godolias e o exílio de Jeremias (582 aC). E se levarmos em conta que o reinado de Josias caracterizou-se por um clima triunfalista, podemos ter uma noção clara da crise. Em pouco mais de 20 anos Judá passou por um processo que desembocou na mais profunda crise de sua história: do triunfo josiânico para o desastre total, com o risco de perder-se na imensidão de um império multirracial.

A narrativa contida nos livros históricos (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), também conhecida como História Deuteronomista (HD), busca ler os fatos da história do povo dentro deste momento imediato de crise, procurando conhecer as causas do desastre e, ao mesmo tempo, buscar saídas emergenciais. Judá vive seu vácuo histórico, tão bem descrito em Lamentações. Nestes livros históricos de HD tenta-se rever e decifrar o caminho percorrido, mas ainda não se consegue vislumbrar uma proposta nova no horizonte. Busca-se preservar a identidade, lembrando os caminhos antigos, mas não se consegue propor um caminho novo para sair da crise. Tentaremos ver isto mais de perto.

O FATO PERTURBADOR: O EXÍLIO

Josias morre em 609 aC tentando deter os exércitos egípcios que iam em auxílio do que restava do Império Assírio (2Rs 23,29). O "povo da terra", principal grupo social que sustentava Josias, ainda tem forças para impor um sucessor na pessoa de um filho dele chamado Joacaz (2Rs 23,30). Mas os egípcios querem no trono de Judá o representante de uma corrente aliada. Joacaz vai para seu exílio no Egito e desaparece na história (cf. Jr 22,10-12).

O trono é entregue a um outro filho de Josias, Joaquim. Este rei, ao longo de seus 10 anos de reinado, viveu na corda-bamba entre Egito e Babilônia. Joaquim provavelmente governou com aqueles setores pró-assírios que sustentaram a política violenta de Manassés durante tanto tempo (687-640 aC). Na interpretação deuteronomista, Joaquim foi considerado um "Manassés redivivo" (a maldade dos sucessores dele, Joaquin e Sedecias, é comparada à do próprio Joaquim, cf. 2Rs 24,9.19), sendo seu reinado uma das causas do desastre. Morreu assassinado durante o cerco de 598 aC (cf. Jr 22,18-19). Seu filho e sucessor Joaquin teve o mesmo destino de Joacaz: assumiu o trono o tempo suficiente para ser exilado (2Rs 24,12).

O terceiro filho de Josias a assumir o poder foi Sedecias (2Rs 24,17). Foram mais dez anos de incertezas. Só que agora o Egito demonstrava não ter forças diante de Nabucodonosor, o que faz da revolta de Sedecias um gesto desesperado. Depois de um cerco de quase dois anos, a cidade caiu. O castigo veio com a ordem de destruição total, uns meses depois da rendição. O palácio, o templo e muitas casas foram incendiadas. Pessoas foram sumariamente executadas. Outras foram exiladas em Babilônia (2Rs 25,8-21).

Uma tentavia de governo autônomo foi confiada a Godolias, funcionário governamental sem parentesco com a dinastia de Davi (2Rs 25,22). Houve uma proposta de reorganização do povo sem as amarras da monarquia, contando com a colaboração de Jeremias (Jr 40,6). A proposta de Godolias e Jeremias parece ter sido uma reconstrução sem estruturas centralizantes como um palácio, um templo e uma dinastia reinante. A escolha da capital, o velho santuário tribal de Masfa, parece indicar bem o caminho da proposta. Por isso mesmo entendemos de onde veio a oposição que destruiu esta tentativa: da casa de Davi! Ismael, da casa real (cf. Jr 41,1), matou Godolias e, diante da represália dos caldeus, fugiu para Amon. Os sobreviventes fogem para o Egito levando consigo Jeremias. Pela indicação de um terceiro grupo de exilados (Jr 52,30), a data deste último desastre foi por volta de 582 aC. Judá mergulhou no seu vácuo histórico.

O povo perdeu suas referências. Estava diante de uma série de problemas históricos, e, por isso mesmo, teológicos. Não havia mais terra nem Lei, nem Templo. A dinastia de Davi não governava mais. Jerusalém estava queimada, destruída. As instituições sagradas como o culto, o sacerdócio, a liturgia, os símbolos, as tradições, os antepassados, os patriarcas... Tudo tinha perdido seu significado. Para que houve a eleição do povo? E que divindade era Javé, se mostrou-se incapaz de defender e preservar o povo escolhido? O que sobra de uma Aliança rompida?

O livro das Lamentações é a primeira reação diante da catástrofe. Elenco aqui algumas passagens que nos mostram a perda das referências:

– "Tornou-se viúva a primeira entre as nações" (1,1).

– "Os caminhos de Sião estão de luto, ninguém vem às suas festas" (1,4).

– "Os pagãos entraram no santuário e saquearam" (1,10).

– "Javé me castigou no dia do incêndio de sua ira" (1,12).

– "Meus sacerdotes e anciãos morreram na cidade" (1,19).

– "Os inimigos souberam e se alegraram de minha desgraça que tu mesmo executaste" (1,21).

– "O Senhor se comportou como inimigo, destruindo Israel" (2,5).

– "O Senhor se esqueceu de festas e sábados... rejeitou rei e sacerdote" (2,6).

– "O rei e os príncipes estão entre pagãos: não há Lei! E seus profetas já não recebem visão de Javé" (2,9).

– "Por mais que eu grite por socorro ele abafa minha oração. Murou meus caminhos com pedras lavradas, obstruiu minhas veredas" (3,8-9).

– "Mais felizes foram as vítimas da espada do que as da fome, que sucumbem, esgotadas, por falta dos frutos do campo" (4,9).

– "O ungido de Javé foi preso nas suas fossas; dele dizíamos: 'À sua sombra viveremos entre as nações" (4,20).

– "Nossa herança passou a estranhos" (5,2).

– "Eis por que nosso coração está doente, eis por que se escureceram nossos olhos: Sião está desolado!" (5,17-18).

Neste quadro vemos que tudo aquilo que dava ao povo segurança e fé, agora foi abruptamente retirado:

– A terra ("herança" em Lm 5,2) pertence agora a um rei estrangeiro.

– O rei ("ungido de Javé" em Lm 4,20) está preso.

– Não há mais Lei que oriente o povo. As normas agora são ditadas por um rei estrangeiro.

– A Aliança foi rompida, e a culpa era do povo. Javé apenas fez o que tinha prometido.

– O lugar mais sagrado, o lugar onde Javé repousava, agora está pisado, profanado e queimado (Lm 1,10).

Diante deste quadro a tentação em abandonar a fé em Javé era muito grande. Alguns seguiram os deuses dos vencedores, outros procuraram voltar aos antigos cultos cananeus (cf. Je 44,15-19). O caminho pela frente era marcado pela incerteza.

É nesta incerteza que a História Deuteronomista toma sua redação definitiva, numa tentativa de encontrar as causas do desastre e, na medida do possível, vislumbrar um rumo.

TRIUNFO E TRAGÉDIA: A DUPLA REDAÇÃO DA HISTÓRIA DEUTERONOMISTA

A primeira redação mais organizada do que hoje forma o conjunto de livros históricos (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs) aconteceu em meio à reforma religiosa promovida por Josias (2Rs 23,4-27).

Com a derrocada do império assírio, o rei de Judá rapidamente ocupou o espaço vazio, anexando as antigas províncias assírias de Samaria e Meguido (2Rs 23,15.29). Provavelmente também reconquistou o antigo Galaade. Para financiar suas aventuras militares o rei necessitava de uma política de centralização econômica. Visando conseguir os recursos de que necessitava, Josias promove a

BIBLIOTECA

reforma de centralização religiosa em Jerusalém, fechando os santuários rurais do interior do país. Esta estratégia enfrentou resistências em Israel. A centralização religiosa em Jerusalém se fez com a profanação do velho santuário de Betel (2Rs 23,15; cf. 1Rs 13,1-10) e com a marginalização do clero do interior.

Para vencer estas resistências o palácio promove a primeira redação da HD, sistematizando a história do povo desde a conquista da terra até a reforma religiosa, mostrando a sobrevivência de Judá graças à fidelidade de Javé. Javé tinha sido sempre fiel à promessa de garantir um descendente de Davi no trono de Jerusalém (2Sm 7). Por isso HD mostra Josias como um rei piedoso, igual a "seu pai Davi". Como Davi, ele também se torna um rei de Judá aclamado por todo o Israel (cf. 2Sm 5,1-3). E para preservar Jerusalém como o lugar escolhido por Deus, HD frisa que o pecado de Jeroboão em Betel foi a causa da destruição e da rejeição de Israel. Também a antiga lei do Deuteronômio, que pedia uma centralização do culto, visto que no antigo Israel havia dois santuários reais (Dã e Betel), foi revista na reforma josiânica. O texto mostra que o lugar escolhido por Deus para sua morada era Jerusalém.

Evidente que aqui não é o lugar para uma análise detalhada desta primeira redação em todos os seus pontos polêmicos. O importante é ressaltar aqui o espírito triunfalista desta redação de HD, servindo de propaganda da dinastia davídica, mostrando um reino em expansão, confiante em seu futuro, certo de que tinha encontrado um caminho dentro dos planos de Javé. Uns vinte anos depois a realidade é totalmente outra. O povo estava mergulhado nas trevas do exílio e da destruição. Duvida-se do poder de Javé, apontado em Lamentações como "inimigo do povo" (Lm 2,4; Jr 30,14). O desespero religioso em descobrir as causas do desastre colocava em dúvida a reforma promovida por Josias. Muitos dentro do povo voltaram para cultos antigos, talvez mesmo pré-javistas (cf. Jr 44,15-19; Ez 8). O fracasso histórico, concretizado no exílio, levou à total cegueira. Os sentimentos agora, como já vimos, eram de raiva, desespero, frustração, indignação, vingança, ajuste de contas (cf. Lm 2,14; 5,7; Sl 137; Ez 18,2).

É dentro deste clima que se faz a redação final da História Deuteronomista. Esta segunda redação aconteceu num Judá devastado e sem esperanças. Busca-se uma harmonia entre a redação triunfalista josiânica e a dura realidade do exílio. O ponto de partida da revisão é a constatação evidente: a Aliança foi rompida e Javé não pode ser acusado nem ser considerado culpado. Os pecados a clamar aos céus eram tantos que nem Josias, que era um rei piedoso, conseguiu apagar o incêndio que já começara com Manassés (cf. 2Rs 22,16-18).

A redação definitiva da HD tenta – e nem sempre consegue – transformar a história triunfalista josiânica num grande julgamento do povo feito por Javé. Aqui ele aparece como o julgador da história. A redação constata apenas que está havendo um julgamento. Para a tristeza do povo, é um julgamento justo. Se houve ruptura da Aliança, o culpado é o povo. E não foi por falta de avisos claros da parte de Javé (cf. Jz 6,10; 1Sm 12,25; 2Rs 17,14.40; 21,9). Nestes avisos encontramos a principal mensagem da HD para a geração de exilados: Javé mandava seus castigos sempre que o povo o abandonava, adorando divindades estrangeiras. Podemos perceber aqui um dos objetivos da HD. Evitar que os judaítas exilados, seja em Judá, seja na Babilônia, se percam no Império Babilônico, assim como os habitantes do antigo Israel tinham se perdido no Império Assírio.

Ao apresentar o momento como um julgamento de Javé, os redatores também deixam claro que a única esperança para o povo, *naquele momento*, estava na aceitação deste julgamento e das conseqüências dele. A salvação para aquela geração estava na aceitação da justiça de Javé, presidente do julgamento. Esta punição justa deveria suscitar arrependimento e conversão (1Rs 8,46-51). Analisaremos mais de perto este discurso de Salomão como exemplo de proposta da História Deuteronomista.

AS PROPOSTAS DA REDAÇÃO EXÍLICA

Os teólogos que fizeram a redação exílica da HD tinham, ao que parece, uma única grande preocupação: mostrar que o Exílio não era o fim da história. Ao contrário, querem mostrar que os acontecimentos perturbadores apresentavam-se como momento propício para rezar a Javé, pedindo clemência. Era o momento em que todos eram chamados a renovar a fé em Javé, clamando por ajuda e consolo, assim como tinham feito os antepassados no Egito. Era também o momento de fazer uma séria revisão da caminhada e sanar os erros assumidos ao longo do caminho. Porque – esta a grande proposta – a caminhada deveria continuar!

Estes redatores colocam assim suas propostas em longos discursos na boca de alguns personagens-chave da história. Temos os discursos de Josué (Js 1 e Js 24), Samuel (1Sm 12) e Salomão (1Rs 8). Veremos agora as propostas contidas na oração de Salomão.

Seria interessante antes perguntar: Por que Salomão? Por que este discurso, depois do desastre causado pelos reis, é colocado na boca de um rei em oração no Templo de Jerusalém? Primeiro porque Salomão construiu o Templo, e portanto ele deveria ser um rei piedoso, escolhido por Javé para tão nobre tarefa. Mas a mesma história conta que tudo começou com Salomão (cf. 1Rs 11,9). No fim da vida ele abandona a fé em Javé e adota as divindades estrangeiras. Salomão pecou e seu pecado foi a causa da divisão do reino (1Rs 11,11). A oração de Salomão, portanto, é a oração de um rei: um fiel que se tornou infiel e causou o desastre. De fato, a história mostra que a raiz de todos os males foi a adoção da monarquia (cf. 1Sm 8,7; 12,19).

As propostas da HD para o povo vivendo as agruras do exílio são ressaltadas na oração de Salomão:

– Lembra que Javé sempre é fiel à Aliança (8,23).

– Lembra a promessa feita por Javé a Davi (2Sm 7; 8,24). Esta promessa era a garantia de um descendente no trono de Jerusalém.

– Mas lembra que a promessa só seria cumprida se os descendentes de Davi fossem fiéis à Aliança (8,25).

– O Templo é o lugar escolhido por Javé para ser sua morada: "Meu Nome estará lá!" (8,28).

– O Templo é o lugar onde de fato Javé escuta as preces e súplicas de seu povo (8,30-31).

– Estas súplicas serão dirigidas a Javé quando houver derrota militar (8,33), seca (8,35), fome, peste, doenças e pragas (8,37) e exílio (8,46).

– Lembra na oração da situação dos escravos no Egito e de como Javé ouviu as preces e os libertou (8,50).

– Demonstra uma surpreendente abertura para as preces de estrangeiros feitas no Templo (8,41).

– Apesar de todos os pecados, o povo deve manter a consciência da eleição da parte de Javé. Ele retirou seu povo do Egito e cumpriu todas as boas promessas feitas a Moisés (8,56). A oração suplica para que Javé continue com seu povo, da mesma maneira como ele caminhou com o povo saindo do Egito (8,57).

– Faz um apelo para que a fidelidade do povo se expresse na observância da Lei e dos mandamentos (8,60-61).

Desta oração de Salomão alguns pontos logo ressaltam:

– O Templo é o lugar central para o povo em Judá. Sabemos das liturgias que continuaram acontecendo em Jerusalém, em meio às ruínas (cf. Zc 7,1-3). Pela oração de Salomão não há dúvidas: o Templo é de fato a casa que Javé escolheu para sua morada. É ponto de encontro, de preces, de súplicas, de lamentos e de jejuns (cf. Zc).

– Toda a oração tem um tom de lamento e de súplica. Dentro da teologia do Deuteronômio, o povo em Judá estava na etapa de suplicar a Javé pedindo perdão dos pecados. É esta súplica que garante o perdão de Javé e a conseqüente libertação (cf. Jz 6,6).

– Lembra a promessa feita a Davi em 2Sm 7. Mas a dinastia davídica é relativizada. Javé permanecerá fiel à promessa desde que os descendentes de Davi também fossem fiéis. E isto não aconteceu, começando com o próprio Salomão (cf. 1Rs 11,4-10).

– Os exilados na Babilônia não são esquecidos. Mas também para eles o ponto de referência continua sendo o Templo de Jerusalém. Se eles, quando orarem, voltarem-se para o Templo, terão suas preces atendidas.

CONCLUSÃO

Para muitos dos que estudaram a fundo a HD, este relato histórico é pessimista, não apresentando nenhuma esperança para os que estavam vivendo a tragédia da destruição de Judá. O estudo de Noth no seu *Deuteronomic History*, de 1957, é um deles.

Creio que não é bem assim. Escrever uma história otimista seria esperar muito daqueles que, entre 609 e 582 aC, tinham passado pela mais radical transformação da história do povo de Deus. Foram da euforia josiânica para a tragédia da destruição e do exílio. Será que tinham clareza do momento em que viviam e dos acontecimentos de que estavam participando?

A resposta da HD para a crise do exílio não é pessimista. Pelo contrário! O texto tem a coragem de dizer que tais fatos, por mais perturbadores que sejam, não significam o fim. No relato histórico da época dos juízes muitas vezes o povo se viu reduzido novamente à escravidão, subjugado por povos estrangeiros, que também invadiram a Terra Prometida. E no entanto, aqueles antepassados não

tinham perdido a fé. Arrependeram-se, clamaram a Javé, e este ouviu suas preces. Enviou libertadores e libertadoras que os livraram da escravidão e dos inimigos. O mesmo acontecerá para a geração dos exilados. Basta ter a mesma fé que os antepassados. O momento é de clamar aos céus, confessar os pecados, arrepender-se e aguardar a libertação.

Mas ao mesmo tempo a resposta da HD é limitada. E não podia ser de outro modo. Os acontecimentos eram muito recentes. A história só fica clara, para qualquer um de nós, quando o tempo passa! Quando a poeira desce e a fumaça sobe. Então é que olhamos para trás e conseguimos discernir a mão de Deus nos fatos e nos acontecimentos. Aqueles que deram a forma final em HD ainda estavam com a fumaça dos incêndios nos olhos! Não podiam mesmo ver muito longe.

Mas para a crise paradigmática gerada pelo fato perturbador do exílio, HD sempre consegue dar uma resposta, positiva, esperançosa. Ao mesmo tempo, limitada pelo momento, insuficiente como saída definitiva para a grave crise que estavam atravessando. Eles viviam o momento difícil de saber bem quais os valores que deveriam ser enterrados. Mas ainda não conseguiam vislumbrar o NOVO. Esta tarefa ficou para os seguidores e seguidoras de Isaías, no coração do Império Babilônico.

BIBLIOGRAFIA

Este artigo é um resumo de muitos diálogos.

– A "crise dos paradigmas" é um relato de estudos feitos com o TAO (Teologia e Assessoria Orgânica – Petrópolis) em torno do livro *O Tao da física*, de F. Capra.

– A "dupla redação de HD" é fruto dos estudos com Luiz Dietrich e Shige Nakanose. Ajudou muito neste estudo NELSON, R.D. The Double reaction of Deuteronomic History. *JSOT* – supplement (18) 1981, Sheffield – England.

Outros livros:

KLEIN, R. *Israel no Exílio*. S. Paulo, Paulinas, 1990.

GOTTWALD, N.K. *Introdução sócio-literária à Bíblia Hebraica*, S. Paulo, Paulinas, 1988.

Francisco Orofino
Estr. Mal. Castelo Branco, 313 c. 12
26525-120 Nilópolis, RJ